

História do Positivismo no Brasil

De Evaristo de Moraes Filho

— I —

Todo homem deve ter uma marca, nem que seja a do diabo, na conhecida expressão do padre Júlio Maria. Cabe a frase de corpo inteiro, ao feitio moral e intelectual de Ivan Lins. Enquanto outros vivem borboleteando desorientados de sistema em sistema, de idéia em idéia, fixou-se ele em Augusto Comte e no positivismo. Fêz deste sistema filosófico a sua concepção do mundo e da vida, filtrando os dados da realidade natural ou cultural através dos postulados da sua doutrina. Se corre o risco de um possível dogmatismo, evita, por outro lado, o ecletismo e o furtacôr do esvaziamento mental, comparável a um verdadeiro estado de espírito de neurose, num esticamento múltiplo de direções e de afirmações. Não

há nada pior para a criação espiritual do que encontrar-se desprevenido diante do mundo, como quem o examina com lentes desiguais, contraditórias e, não raro, contrárias.

Fazendo do positivismo a sua forma mental, utiliza-se Ivan Lins do conjunto desse sistema filosófico para interpretar os fatos da história e os atos humanos, mas sempre com um leve sentido de ironia e de tolerância, impedindo o esclerosamento dos seus juízos e sempre pronto a bem interpretar e compreender a filosofia dos seus adversários. Numa terra de tão apoucada herança filosófica, não se pode ele dar ao luxo de desprezar ou abandonar as manifestações de pensamento filosófico, por menores ou mais miúdas que sejam. Prova disso é este seu livro que acaba de vir a lume — **História do positivismo no Brasil**.

Fruto de mais de três décadas de pesquisas e estudos, representa este ensaio exaustivo repositório de documentos e de fatos em torno da influência do positivismo na sociedade brasileira. Sente-se que o autor lutou com uma pletora de dados, que cresciam à medida que o trabalho avançava, sufocando-o aqui e ali, obrigando-o a certos exageros no uso das aspas, num afã até certo ponto louvável e desculpável de tudo informar, de mostrar-se honesto e descer a primenores. Esta maneira de escrever dá ao lei-

tor uma sensação de roupa apertada, percebendo ele que o autor é mais gordo do que a amisa que lhe deram, antes parecendo às vezes de força coisido problema editorial, apareque de malha... Talvez tenha cendo o ensaio num só volume, quando merecia dois ou três. O livro de Ivan Lins é fonte para outros livros, não só pelo que apresenta de novo, de inédito, como igualmente pelo que sugere e pelos desafios que suscita.

Não se contenta o autor com o surrado capítulo das relações entre o positivismo e a República, da sua influência na proclamação desta e na elaboração da Constituição de 1891, desce aos primórdios do positivismo entre nós, demorando-se em Luis Pereira Barreto e percorrendo estado por estado, cuidando dos contatos e distâncias entre a Igreja e o positivismo, terminando por apontá-lo em suas manifestações na literatura brasileira. E o positivismo continua, conclui o autor.

Nada sectário, aberto a todas as idéias, não se deixa Ivan Lins prender ao ilogismo de alguns mandamentos doutrinários, mas não permite que medrem ou persistam certos equívocos ou enganos de má fé a respeito do positivismo ou dos positivistas. Assim é no que se refere ao caráter e à conduta de Benjamin Constant (págs. 372/375) quando ministro da Instrução da República recém-criada. Rebate Ivan, com sobras de razão e de argumentos, o depoimento prestado por um dos informantes aos inquéritos distribuídos por Gilberto Freyre para a elaboração do seu **Ordem e Progresso**, por sinal, marcadamente anti-republicano e todo impregnado de um denso romantismo monárquico.

Desfaz também Ivan Lins a frase feita, corrente entre nós desde **Raízes do Brasil** (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, de que os positivistas sempre viveram no mundo da lua, afastados da realidade brasileira. Aceitando-se ou não as teses que sustentavam, isto pouco importa, não há como negar que sempre responderam presente a todos os problemas sociais brasileiros. Não houve nenhuma questão econômica, política, social, educacional, de interesse coletivo, em suma, que não encontrasse eco entre os positivistas nos fins do Império e nas primeiras quatro décadas da República. Em tudo metiam o dedo, dando o ponto de vista da doutrina e deitando falação; tudo servia de pretexto para mais uma circular do Apostolado. Sempre tiveram uma palavra de orientação em cima da hora. Aliás, esta acusação de idealismo bovarista ao Apostolado encontra paralelo nos primeiros críticos de Machado de Assis, quando o censuravam como o menos brasileiro dos escritores pátrios, pela ausência das questões do tempo em sua obra. Hoje ficou exuberantemente provado o contrário: nenhum escritor mais brasileiro do que Machado, mergulhado até ao pescoço no seu tempo,

na sua cidade, verdadeiro eronista da realidade social da sua época e da psicologia das criaturas humanas que nela viveram.

Repõe Ivan Lins nos seus verdadeiros lugares, escolmando-as das lendas que as cercavam, as questões de separação da Igreja do Estado e da vacina obrigatória. Encontra-se a primeira às págs. 344 e segs da obra, cabendo antes a Demétrio Ribeiro e aos positivistas a inspiração e a autoria dos dispositivos sobre a liberdade espiritual. E às págs. 421/428 expõe-se em detalhes a chamada **revolução da vacina**, culminando com o discurso de Ruy Barbosa no Senado em 16 de novembro de 1904. Não se tratava de fanatismo contra a existência de micróbio — assunto de pilhéria fácil — o sim de postulados de liberdade individual e insuficiência de conhecimentos científicos da época para a elaboração da vacina.

No que se refere à legislação trabalhista, cuida Ivan do assunto em duas passagens (págs. 364/367 e 413), não esgotando, entretanto. É de veras interessante o projeto de Teixeira Mendes, datado de 23 de dezembro de 1889, "que o torna um precursor da nossa legislação trabalhista". Em opúsculos posteriores, já do século XX — todos por certo do conhecimento de Ivan — trata Teixeira Mendes da matéria, a favor do proletariado e das greves sem violência, revelando-se "um decidido adversário do liberalismo", na frase de Cruz Costa. Quando o príncipe D. Luiz de Bragança dirigiu-se ao povo brasileiro, através de manifesto vindo da Europa, datado de agosto de 1913, replicou-lhe Teixeira Mendes com **O Império e a República Brasileira perante a Regeneração social**, mostrando que a República, nos seus vinte e quatro anos de vida, havia mantido as conquistas políticas, sociais e morais do Império, e aberto novas perspectivas "para todas as vias de regeneração humana", inclusive a tão decantada incorporação do proletariado à sociedade moderna.

Há muito de linguagem mística e de manifestação dogmática nos opúsculos, circulares e escritos dos diretores do positivismo entre nós — e isso o reconhece o próprio Ivan Lins (págs. 405/406) e 412) — mas, só assim, conseguiu Teixeira Mendes fazer-se respeitar e admirar pelos seus contemporâneos. A ele se referia Euclides da Cunha como "uma alma profundamente religiosa e incorruptível"; e, embora dizendo-o "intolerante", confessava Vicente Licínio Cardoso que o respeitava "como um dos homens que mais têm feito acreditar nas qualidades morais e mentais de nossa raça em formação".

Este livro de Ivan Lins é um livro de devoção, que viveu com ele durante longos anos, em seu sangue e em sua carne, feito todo de paciente pesquisa, de cultura e de afeto, com aquêle amor incontinido de quem escreve sobre o assunto eleito, desde cedo, para o centro mesmo da sua vida espiritual e moral.

AINDA A HISTÓRIA DO POSITIVISMO NO BRASIL

Boneiro de Maranhão - II
6/9/64

De Evaristo de Moraes Filho

As filosofias e os sistemas filosóficos não surgem de geração espontânea, nem vivem soltos no tempo e no espaço como fantasmas desenraizados. Pelo contrário, fazem parte da sua época, da sua problemática, dos desejos, dos enigmas e dos mistérios do seu tempo. Correspondem ao estado geral das ciências que lhes são contemporâneas, procurando lhes dar uma base conceptual e sistemática, que lhes proporcione certa coerência metódica. A filosofia é mais ousada do que a ciência, respondendo com certa antecedência aos problemas que surgem do caminho de ambas. Assim foi o positivismo para o século XIX. Representou uma visão de conjunto das ciências naturais e do seu impacto na sociedade moderna, surgida depois da Revolução francesa. Não se limitou a elucubração de um homem só, por mais genial que tenha sido, transformando-se em capa de cultura de todo um século.

Segundo Benrubi, não é o positivismo uma teoria abstrata, e sim um sistema de vida típica do século XIX. Penetra todo o conjunto do pensamento e da ação: teoria do conhecimento, psicologia, sociologia, moral, estética, religião, arte, política, pedagogia. Nas palavras de Poirier, encontram-se no positivismo os elementos de uma doutrina profunda, procedendo dele o esforço contemporâneo para fundar na história das ciências uma filosofia da razão. "O positivismo é uma meditação sobre o décimo-nono século", na feliz expressão de Henri Gouhier.

Foi o que se verificou também no Brasil, embora com um certo atraso, como é natural. E é neste sentido que o estudia Ivan Lins, mostrando as suas penetrações mais sutis e surpreendentes. Em verdade, o positivismo não pegava de galho, as sementes já se encontravam, as mesmas, por toda parte. Não se tratava de transplantação de galhos, as raízes eram comuns.

Assim é que, aos menos avisados, causará certa surpresa constatar pensamentos ou orientações doutrinárias positivistas em Nabuco, Rui Taunay, Constâncio Alves, João Ribeiro, Gilberto Amado, além dos conhecidos casos e exemplos de Silvio Romero, Veríssimo, Euclides, Murat, Augusto de Lima, Riquete Pinto, Martins Fontes, e vários outros.

Apesar da paciente erudição e do cuidado com que foi elaborado o magnífico ensaio de Ivan Lins, algumas achegas podem ainda lhe ser acrescentadas no mesmo sentido de mostrar essa espantosa penetração do positivis-

mo, ortodoxo ou heterodoxo, na concepção do mundo e da vida de alguns intelectuais do século XIX no Brasil.

Começemos por Silvio Romero, mordido pelo positivismo em plena mocidade. Nunca mais se iria dele libertar completamente, embora tenha disso feito um tremendo cavalo de batalha em 1894, com **Doutrina contra doutrina**. Mesmo quando se diz caminhar para Haeckel, Spencer ou para o evolucionismo em geral, ainda aí caminha Silvio dentro de veredas ou esticamentos filosóficos, abertos pelo próprio positivismo, são galhos da mesma árvore. De positivismo em punho, coube a Silvio romper em 1880 com o ambiente tranquilo, cinzento e borlento do Imperial Colégio Pedro II, ao apresentar-se candidato à cátedra de Filosofia com a tese **Da interpretação filosófica dos fatos históricos**, de 31 páginas. Eram reitores do Colégio, Cesar Marques, do Internato, e monsenhor Fonseca Lima, do Externato. A tese de Silvio é desafortada, sem meias-medidas, violenta, contra quaisquer resquícios teológicos ou metafísicos no estudo e na interpretação da História. Verdadeiramente provocadora, não teme o seu autor ser desclassificado ou reprovado pelos espiritualistas ou ecléticos que o irão examinar. Não teme igualmente o veto do Imperador.

A sua orientação é nitidamente positivista, embora o nome de Comte ali apareça poucas vezes. Silvio já, a essa época, não pretende parecer discípulo do filósofo de Montpellier. Enxerta o seu ensaio com o que de mais moderno lhe chegou às mãos com citações de Morselli, Flint, Lange, Herzen, Ferri, Drobisch, mas é em Buckle, o historiador inglês, que ele se apóia. Ora, Buckle é confesadamente de inspiração positivista, no método e nas idéias. Um trecho bem significativo, que é, de certo modo, toda a tese de Silvio, encontra-se à pág. 12: "Basta-me afirmar com os mais autorizados críticos hodiernos, que a concepção dos acontecimentos tem atravessado até hoje quatro largos períodos: a teologia, a metafísica, a física da História, e, finalmente, a história científica. Este modo de ver e de julgar tem um grande anelo nos modernos estudos mitológicos, religiosos e linguísticos, e é confirmado pela célebre lei dos três estados, entrevista por Schelling e Saint Simon, e formulada brilhantemente por Comte."

A pág. 15, diz Silvio que vai além de Comte, completando-o com a moderna crítica histórica alemã. Achamos que o sergipano de Lagarto foi injusto com Comte, incluindo-o num acanha-

do mecanicismo cientificista, quando, depois de Levy-Bruhl e Gouhier, se mostra exatamente em Comte a especificidade das ciências humanas, com método e objeto próprios. Mas eis o trecho de Silvio: "(Comte) faz a crítica implacável da teologia e da metafísica, e presta relevantíssimos serviços. Tem mais de um lado aceitável, sendo combatível somente em não se dar conta exata disso — a que os alemães chamam — o fato humano".

A pág. 17 lêem-se os mais ardentes elogios à obra de Buckle. E ao conceituar a liberdade, repete Silvio quase as mesmas palavras de Comte, embora com maior imprecisão. Define-a como uma conquista da inteligência sobre o fatalismo da natureza (pág. 23). Comte nunca diria fatalismo, e sim **determinismo**, daí a possibilidade da penetração humana na ordem natural, evitando certos fenômenos e provocando outros.

Da sua defesa de tese, há o testemunho de Araripe Júnior, cujas primeiras linhas devem ser aqui lembradas: "Os argüentes eram um, ortodoxo, e outro, retaliante. Para bater a um, Silvio serviu-se da dialética como massa de combate. Para espantar ao outro, negou tudo, e atravessou-se com o espantado do positivismo."

Finalmente, com os votos vencidos de Pedro José de Abreu, do Conselho Diretor e do monsenhor Fonseca Lima, reitor do Externato foi Silvio classificado em primeiro lugar, com Muniz Barreto e Mello Vieira em segundo; cônego Azambuja Meireles em terceiro e Fernandes da Cupha em quarto. Havia dúvida quanto à decisão do Imperador, numa expectativa sombria. Em menos de sessenta dias, no entanto, deu-se a nomeação de Silvio, empossado dias depois.

Também quanto a Joaquim Nabuco, não se escotou a sua manifestação de simpatia ao positivismo à carta de juventude dirigida a Machado e aos artigos escritos em 1888. Mais do que isso, a sua própria formação teórica quanto à filosofia da História se construiu e se firmara em autores de linhagem positivista. Basta recordar que as suas idéias se construíram em torno de Walter Bagehot e Ernesto Renan. Em **Minha Formação**, escreve Nabuco: "Bagehot, pode-se ver, era um espírito de afinidades e simpatias quase renubricinas, como Grote, Stuart Mill, John Morley, e todo o radicalismo positivista inglês". "As idéias que devo a Bagehot são poucas, mas são todas elas, por assim dizer, chaves de sistemas e concepções políticas, de verdadeiros estados de espírito moderno."

Todo o capítulo VII é dedicado a Renan, sob cuja influência estava Nabuco em releição, e em prosa, como também da de Taine. Neste mesmo livro há um pensamento que poderia levar a assinatura de Comte por baixo, até dele se aproximando em estilo pela adjectivação (e o estilo de Comte não era dos mais agradáveis...): "Uma destas (regras elementares) será conservar do existente tudo o que não seja obstáculo invencível ao melhoramento indispensável."

De seu pai, Nabuco de Araújo, cita Joaquim Nabuco esta máxima política no Senado: "A utilidade relativa das leis prefere à utilidade absoluta", também não lembra às páginas 477/478 do exaustivo ensaio de Ivan Lins. Daí serem justas, com os subsídios também trazidos pelo autor, as palavras finais do capítulo, quando se referem "às simpatias que o próprio Joaquim Nabuco, até pelo menos os quarenta anos, demonstrou pelo positivismo."

ANANDA HISTÓRIA DO POSITIVISMO NO BRASIL

— III —

De Evaristo de Moraes Filho

Os aspectos políticos do positivismo no Brasil sempre constituiram a matéria predileta dos historiadores nacionais, ao estudarem a influência e a difusão daquela doutrina filosófica entre nós. E é raro vê-la que assim tenham sido, pela manifestação mais concreta e pelos efeitos publicitários das suas campanhas. O aspecto filosófico, como não poderia deixar de ser, vem em segundo lugar, com fáceis, surrados e permanentes exemplos de seguidores, mais ou menos acionados, das ideias de Augusto Comte. O mérito de Ivan Lins consistiu, ao nosso ver, em ter enveredado por um caminho ainda pouco explorado: o da penetração do positivismo na literatura brasileira, quer na poesia, quer na prosa. Aqui, já não são tão visíveis essas manifestações, necessitando muitas vezes de instrumentos mais apurados de análise literária para descobrir e apontar inequívocas influências positivistas, nem sempre confessadas ou voluntárias.

Assim é que estuda o autor o positivismo na década de 1880-1890 em São Paulo, principalmente nos meios universitários (págs. 138/140), demora-se na chamada poesia científica, com Martins Junior, no Norte, e Damasceno Veira, no Sul (págs. 441/450). Procede inteiramente a crítica feita por Ivan Lins a Martins Junior, recordando a observação já levada a efeito por Araújo Junior, quanto ao artificialismo dessa poesia científica, estrita, metramente didática, forçada, que se limitava a colocar sob a forma de estrofes ou sonetos os ensinamentos de filosofia científica da época. As págs. 454/468, refere-se Ivan ao Conde de Afonso Celso e ao poeta José Mariano de Oliveira, como positivistas, citando uma carta de Alberto de Oliveira a Félix Pacheco, quando do falecimento do seu irmão, destacando o valor literário do autor de *Culto à Mulher*. Como testemunho de sua afirmativa, refere-se Alberto de Oliveira, de passagem, à crônica de Machado de Assis, *A Nova Geração*.

Infelizmente, é esta a única alusão ao estudo de Machado, no livro de Ivan Lins. Constitui este ensaio de Machado datado de 1879, no entanto, a mais fiel e completa crônica da época, dando um retrato de corpo inteiro das novas correntes literárias, sobretudo poéticas, e da inquietação que tomava conta da mocidade da época.

A verdade é que, a partir de 1850, com a extinção do tráfico negro, grandes e profundas transformações econômicas se fizeram sentir na sociedade brasileira, vindo a culminar com a abolição e a proclamação da República. Dá-se, de início, um deslocamento do centro econômico da economia nacional, do Norte para o Sul. Modifica-se o quadro da monocultura açucareira, com o surgimento do café como cultura extensiva no Vale do Paraíba. Desenvolve-se um intenso surto econômico, com inversão de capitais até então desconhecidos entre nós. O Banco do Brasil passa a ser um estabelecimento de emissão; instala-se a primeira linha de telegrafo elétrico e abre-se o tráfego da Estrada de Ferro Central do Brasil. Depois de um ambiente de calma, de trégua, de compasso de espera entre os partidos políticos, por força mesma da Guerra do Paraguai, explode a crise com a publicação do manifesto liberal de 1870. Este ano significa, na história cultural brasileira, o verdadeiro marco do que já se convencionalmente chama de "Renascença brasileira", e que vem tão bem retratada na crônica de Machado.

Não como que uma revisão completa nas correntes do pensamento brasileiro, abrangendo todos os seus aspectos, literário, filosófico, político e, inclusive, religioso. O romantismo chegava ao fim, num surto entusiástico do naturalismo, do repubblicanismo, do anticlericalismo, do realismo, do positivismo, enfim. Vale a pena, a citação de uma página de Silvio Romero, contemporâneo dos acontecimentos que testifica "O século que vai de 1868 a 1878" e o mais notável de quantos do século XIX constituiram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas mudanças da alma nacional. Até 1868 o estolismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo: a filosofia espiritualista, católica e eclesástica, a mais insignificante espécie; a autoridade das instituições hierárquicas; o temor atávico por qualquer classe do povo, a máculosa servil e os direitos feudais do feudalismo pátrio dos grandes proprietários, a mais indireta opressão; o romantismo, com os seus doces enganosa e encantadores cismas, a mais apagada desavença racial. Tudo isso adormeceu nas províncias e na América do Sul e preparado a espreita da peça política de centralização mais con-

sa que já uma vez houve na história de um grande país. De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do Império apareceu em toda a sua nudez."

Este depoimento encontra-se em *Explicações indispensáveis*, como introdução aos *Vários Escritos*, de Tobias Barreto. Raimundo Correia faz parte dessa geração. Aprovado com distinção em Filosofia, no Colégio Pedro II, em 1877, ingressa na Faculdade de Direito, de São Paulo, no ano de 1878, participando ativamente de todos os ideais do seu tempo. A ele refere-se também Ivan Lins (págs. 143 e 160) meramente de passagem, como integrante do grupo da Faculdade e que sofreu, sobretudo, a influência do seu colega e amigo, Licurgo de Castro Santos. É pouco, porém, muito pouco, para um poeta da importância de Raimundo Correia na história literária brasileira.

Raimundo é bem representativo dessa fase que se chamou de *Ideia Nova*, voltada para as ciências, para o mundo exterior, para o povo, para a República, contra os velhos cânones conservadores do Império. Já na sua estreia literária, com *Primeiros Sonhos* (1870), apareceu o soneto *A Ideia Nova*, dedicado a seu amigo Barros Cassal. Apesar de suas explosões anti-românticas, o livro, em conjunto, permanecia ainda romântico.

Já fora da Faculdade, no seu segundo livro *Silfonias* (1883), que seria o de maior êxito em toda sua obra poética, bastando lembrar que se contém na sua primeira parte *Mal Secreto*, *As Penhas*, *O Anelocar* e *A Cavalgada*. Na segunda parte do volume, é que aparecem as poesias político-sociais e de cunho revolucionário: pelo povo, pela abolição da escravatura, pela República, pelo progresso, pelas novas conquistas da ciência. Com êxito de dória e mel de poemas, vêm todos dominados pelo mesmo espírito. E tudo isso no poeta talvez mais representativo do parnasianismo nacional e que conseguiu ser "o maior artista do verso" no Brasil.

Outro ponto que poderia vir destacado no exaustivo ensaio de Ivan Lins é o da reforma do ensino Carlos Maximiliano, de 1915. Alude Ivan unicamente à manutenção da "seriação das disciplinas hauridas na classificação das ciências de Augusto Comte" (pág. 312), quando a reforma conviveu o mesmo espírito republicano

da nitida separação entre a Igreja e o Estado, no art. 24: "Nenhum estabelecimento de instrução secundária, mantido por particulares com intento de lucro ou de propagação filosófica ou religiosa, poderá ser equiparado ao Colégio Pedro II".

No parágrafo único, do art. 156, manteve as disciplinas de Psicologia, Lógica e História da Filosofia, como facultativas no Colégio Pedro II, substituindo, no art. 177, a Enciclopédia Jurídica pela Filosofia do Direito, no 1º ano dos cursos Jurídicos. Carlos Maximiliano pertenceu aquela geração dos fins do século XIX e começo deste, fortemente influenciada por Augusto Comte. Seu genro, professor Miranda Neto, possui ainda o exemplar do *Cours de Philosophie Positive*, que pertenceu ao Ministro da Justiça de 1915.

Entre os professores citados como positivistas ou de certa forma influenciados pela filosofia científica e social de Augusto Comte, quer na Faculdade de Direito, quer no Colégio La Fayette (págs. 295 e 311), eu incluíria ainda os nomes de Leonidas de Rezende, Joaquim Pimenta, Eurébio de Queiroz Lima, Hahemann Guimarães, Roberto Lyra e Ney Cidade Palmeiro. Também por sua formação, temática e ideias, pelo menos em certas fases de suas carreiras literárias e filosóficas, não andam muito longe de Comte as obras de Pontes de Miranda, Hermes Lima e Djalmar Maranhão. O segundo chegou a reunir durante muitos anos material para uma história do positivismo no Brasil.

Poderia ainda ter sido mais destacado o papel desempenhado no ensino da juventude brasileira pelos ilustres educadores, Liberato Bittencourt e Moreira Guimarães. Aparecem referidos só de passagem, no misalvante como positivistas (págs. 277, 310, 657 e 698). A ação de ambos, no entanto, foi muito mais profunda e duradoura. Durante mais de trinta anos, dirigiu Liberato o *Ginásio 28 de Setembro*, de sua propriedade, no qual ministrava Moreira Guimarães aulas de Filosofia. Ambos deixaram farta bibliografia filosófica, na aludida no extensíssimo estudo de Ivan Lins.

Manancial exaustivo do positivismo no Brasil, trabalho de toda uma vida, ficará o livro de Ivan Lins como livro-fonte de tudo o que vier a se escrever entre nós sobre o assunto. Ponto de partida ou ponto de chegada, pouco importa, mas sempre ponto de referência obrigatória.